

ACM fatura, presidente perde

CÉSAR FELÍCIO

BRASÍLIA - O presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), terminou a semana como o único aliado do governo a faturar dividendos políticos com o pacote de ajuste fiscal lançado na última segunda-feira. Diante da dureza das medidas divulgadas pela equipe econômica e na falta de reação da oposição, ACM começou a semana abrindo uma guerra contra o aumento do imposto de renda para a pessoa física e terminou na quinta-feira apresentando a elevação de 2% na taxa de bens de consumo importados como alternativa.

"Ele conseguiu expressar o sentimento da opinião pública, ao usar o seu estilo habitual para dizer as mesmas coisas que falamos em um tom bem mais suave", comentou o senador Esperidião Amin (SC), até a semana passada presidente do PPB, um partido que sempre fez críticas muito mais contundentes à políti-

ca econômica, apesar de aliado do governo. "Ele roubou de nós os holofotes", admitiu o líder da oposição no Senado, José Eduardo Dutra (PT-SE).

Enquanto o presidente Fernando Henrique Cardoso procurou mostrar ao público externo que o governo não está agindo com cálculo eleitoral e não teme a impopularidade, ACM tratou de cultivar o público interno. "Não me incomoda de perder, eu quero perder com o povo brasileiro", chegou a dizer durante a semana.

Para lideranças do PSDB, partido do presidente e o único que fechou questão a favor do pacote, Fernando Henrique é o culpado da situação e poderia ter atenuado em muito a sua queda de popularidade, caso tivesse dado um viés político na elaboração do conjunto de medidas.

Um senador do PSDB lembrou que o presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, nos momentos de crise, consulta até a oposição. Mas Fernando Henrique não chamou ninguém, lançou ao país 51 me-

das polêmicas e cobrou de sua base parlamentar no Congresso uma concordância incondicional.

Para os aliados do presidente, o comportamento de Antônio Carlos Magalhães não passa de uma "pedrinha no sapato" que está sendo colocada para o presidente, sem maior significado, conforme definiu Esperidião Amin. Os tucanos têm certeza de que ACM acabará trabalhando para a aprovação do pacote. Segundo a oposição, o comportamento do senador baiano tem um significado maior: ele estaria garantindo o seu espaço político caso os esforços da equipe econômica fracassem por completo e a reeleição de Fernando Henrique fique comprometida.

"O PFL está fazendo o movimento preparatório para pular do barco. Não é de hoje que ACM procura delimitar uma imagem nacional distante do presidente. Ele agiu assim na reforma da previdência, ao combater aposentadorias especiais para juizes, no fim do Instituto de Previdên-

cia dos Congressistas e na recente decisão de fazer o Senado funcionar nos fins de semana", disse o senador José Eduardo Dutra (PT-SE).

Pela análise do senador petista, a esquerda nada terá a ganhar com o fracasso do Plano Real. "Historicamente quem fatura com a desordem econômica é quem assume o papel de defensor da ordem, e este é o perfil conservador de lideranças como ACM e Maluf", disse Dutra.

O senador petista, aliás, admite que o seu partido é outro grande perdedor no balanço político do pacote. Não se conhece nenhuma alternativa vinda do PT para que o País escape da crise. O virtual candidato do PPS à presidência, Ciro Gomes, que concorre pela liderança da oposição, apressou-se em divulgar um pacote alternativo.

"O Ciro já foi ministro da Fazenda tem fontes e conhece os números do governo. Nós estamos batendo cabeça e perdendo espaço", afirmou Dutra.

JORNAL DO BRASIL 15 NOV 1997